

3. CREIO EM DEUS

3.1. Introdução

“Creio em Deus”. Esta frase não é uma mera opinião, mas sim uma “decisão existencial”. Crer é acreditar na posse dos “bens futuros” e nas “realidades invisíveis” (cf. Hb 11, 1). Esta certeza incide em nossa vida cotidiana, caracterizando-a como “existência cristã”.

Mas a fé também possui um conteúdo doutrinal. Acreditar em Deus significa aderir firmemente à sua mensagem, ao conjunto de ensinamentos por Ele revelado e sistematizado em forma de “doutrina” pela Igreja. A fé não é um sentimento vago, nem só empenho prático; a fé tem um conteúdo de verdades, que o crente deve conhecer sempre melhor.

3.2. Fórmulas da fé

As fórmulas de fé já estão presentes no Antigo Testamento e têm um caráter histórico. Apresentam Deus em referência a pessoas e acontecimentos: Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó; Deus que libertou Israel do Egito. Uma profissão de fé muito utilizada pelos israelitas, tem a forma de uma narração: **“Meu pai era um arameu errante, ele desceu ao Egito e ali residiu com poucas pessoas; depois tornou-se uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, nos maltrataram e nos humilharam, impondo-nos uma dura escravidão. Gritamos então a Iahweh, Deus dos nossos pais, e Iahweh ouviu a nossa voz: viu nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E Iahweh nos fez sair do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios, e nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde mana leite e mel. E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que tu me deste, Iahweh”** (Dt 26, 5b-10).

No Novo Testamento, a fé encontra Deus na história de Jesus, sobretudo em sua morte e ressurreição: **“(…) cremos naquele que ressuscitou dos mortos Jesus, nosso Senhor (…)”** (Rm 4, 24). Reconhece Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, em referência aos acontecimentos da Páscoa e de Pentecostes. São fórmulas breves, que variam segundo as situações, mas trazem como marca registrada o conteúdo salvífico e trinitário. Assim São Paulo sintetiza o anúncio da fé do qual é apóstolo: **“(…) escolhido para anunciar o evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas sagradas Escrituras, e que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor (…)”** (Rm 1, 1-4).

Em pouco tempo, as principais verdades de fé foram recolhidos num sumário chamado **“Símbolo dos Apóstolos”**, que se tornou a primeira “Profissão de Fé” da Igreja. Este símbolo é articulado em três partes, que destacam o mistério trinitário e a história da salvação: Deus Pai e a criação, Jesus Cristo e a redenção, o Espírito Santo e a santificação. Posteriormente, a Igreja detalhou melhor os artigos da fé, através dos dois primeiros concílios ecumênicos, que resultaram no **“Símbolo Niceno-Constantinopolitano”** (325-381).

3.3. Concílio de Nicéia

Convocado pelo Imperador Constantino, para discutir as idéias de Ario, e celebrado em Nicéia, na Ásia Menor, em maio de 325, aconteceu o primeiro Concílio Ecumênico, do qual participaram cerca de 250 bispos, quase todos provenientes da Igreja do Oriente. A representação do Ocidente é muito fraca: quatro bispos, entre os quais Ósio de Córdova, que representa a Igreja de Roma, assim como dois presbíteros pertencentes à delegação romana. O Papa Silvestre, convidado ao Concílio, não compareceu alegando idade avançada. A presidência de honra é assegurada pelo Imperador. Do lado eclesiástico, a presidência foi de Ósio, cujo nome vem sempre no cabeçalho dos textos, seguido dos dois presbíteros romanos.

O Concílio posicionou-se contra a doutrina de Ário, qualificando-a como “heresia”.

3.3.1. A definição de Nicéia

*“Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E num só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado pelo Pai como unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, **consubstancial (homooúsios)** ao Pai, por meio do qual todas as coisas foram feitas, as que estão no céu e as que estão na terra. O qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu do céu e se encarnou; fez-se homem, padeceu e ressuscitou no terceiro dia, subiu ao céu e virá para julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo”.*

3.3.2. Análise teológica

“Gerado pelo Pai como unigênito, isto é, da substância do Pai”: há comunicação da substância paterna ao Filho. Um verdadeiro filho por geração deve sê-lo segundo a substância daquele que o gera, como acontece, por exemplo, em toda geração natural: um homem gera um homem.

“Deus verdadeiro de Deus verdadeiro”: opõe-se diretamente aos “arianos”, que de modo genérico aceitavam chamar Deus ao Filho. O símbolo sublinha que o Filho é Deus em sentido estrito, em virtude da geração.

“Gerado, não criado”: a geração que dá o ser ao Filho é de natureza diversa da criação pela qual vêm à existência os seres que conhecemos. A geração do Filho não é uma criação do nada.

“Consubstancial ao Pai”: esta é a palavra-chave, o termo que se tornará o “símbolo” do Concílio de Nicéia. É a fórmula mais diretamente antiariana. O Filho é Deus como o Pai, não é um “semi-Deus”, possui a mesma divindade recebida do Pai. Há identidade de substância entre um e outro.

“Por nós homens e por nossa salvação, desceu do céu e se encarnou”: depois da geração eterna, passa-se a tratar da geração humana de Jesus. A humanidade de Jesus é acentuada junto com sua divindade. O nascimento humano de Jesus é por causa de nossa salvação.

“E no Espírito Santo”: o Espírito encontra-se unido na confissão cristã ao Pai e ao Filho, mas nada mais absolutamente se acrescenta. Somente no Concílio de Constantinopla esse artigo será desenvolvido.

3.4. Concílio de Constantinopla

Convocado, em 381, pelo Imperador Teodósio I para os bispos do Império Oriental, foi o segundo concílio ecumênico. Esse concílio foi convocado contra o grupo dos “*macedonianos*” que se apoiavam na autoridade do patriarca de Constantinopla, “Macedônio”, o qual havia negado a divindade do Espírito Santo. A tarefa do Concílio foi precisamente reafirmá-la.

Na realidade, esse não foi um Concílio Ecumênico, mas foi reconhecido como tal logo em seguida, pela ressonância posterior que teve. Foi nele que se estabeleceu que fosse acrescentada à “Profissão de Fé”, elaborada pelo “Concílio de Nicéia”, uma fórmula relativa ao Espírito Santo. Acrescentou-se: ***“Creio no Espírito Santo, que é Senhor, vivificante, procedente do Pai e com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado e que falou por meio dos profetas”.***

3.4.1 Análise teológica

O Concílio de Constantinopla I basicamente proclamou a divindade do Espírito Santo. Vejamos seus principais aspectos:

Creio no Espírito Santo, que é Senhor. O Espírito não será chamado Deus, já que a Escritura não o menciona assim. O termo “Senhor” é também um nome divino, aquele pelo qual a tradução dos LXX traduzia o tetragrama YHWH. Designa não somente o Filho, o Cristo glorificado, mas também o Espírito. Este título coloca o Espírito no mesmo plano que o Criador soberano do mundo e seu Filho estabelecido à sua direita.

Vivificante. O Espírito “vivificante” é uma referência a seu papel criador, recriador e divinizador na economia da salvação, pois o Espírito é aquele que comunica a vida divina à semelhança do Filho ressuscitado e cheio de vida. É com efeito “o Espírito que vivifica” (Jo 6, 63); “o Espírito é vossa vida” (Rm 8, 10); é “Espírito vivificante” (1Cor 15, 45). É, portanto, radicalmente diferente das criaturas que ele vivifica, pois ele mesmo possui a vida por natureza. Está do lado dos que dão e não dos que recebem.

Procedente do Pai. O termo “proceder” é empregado aqui para suprir a deficiência vocabular da Sagrada Escritura acerca da origem do Espírito: tal como o Filho é “gerado”, o Espírito “procede”, Não é, pois, uma criatura.

Sublinhando que o Espírito procede do Pai, os autores do Símbolo não pretendiam explicitar em que ele se diferencia do Pai e do Filho, mas simplesmente demonstrar que o Espírito Santo, proveniente de Deus, não podia ser criatura. O Espírito Santo não é nem “não-gerado” como o Pai, nem “gerado” como o Filho; mas tampouco é criado, pois tem uma origem divina eterna. O termo “procede” demonstra a “consustancialidade do Espírito”, já que este provém da fonte da divindade, o Pai.

Com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado. O Espírito faz parte da adoração única que se dirige a Deus. Portanto, o Espírito deve ser adorado e glorificado em igualdade com Deus, assim como o Filho é glorificado à direita do Pai. Ele recebe o mesmo culto e as mesmas honras.

3.4.2. Conclusão

O Concílio de Constantinopla I foi de pacificação. Colocou fim aos cinquenta anos de conflito que assolaram o Oriente cristão após o Concílio de Nicéia. Recolheu a herança deste e confirmou sua definição ao retomar a afirmação do “consustancial” a propósito do Filho. Definiu a divindade do Espírito. Não foi sem razão que seu Símbolo recebeu a designação de Símbolo de **“Nicéia-Constantinopla”**:

*Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do Céu e da Terra,
De todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus, luz da luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro;
gerado, não criado, consustancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.
E por nós, homens, e para nossa salvação
desceu dos Céus.
E encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e se fez homem.
Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as Escrituras;
e subiu aos Céus,
onde está sentado à direita do Pai.
De novo há de vir em sua glória
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu Reino não terá fim.
Creio no Espírito Santo,
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai e do Filho;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos Profetas.
Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica.
Professo um só batismo para a remissão dos pecados.
E espero a ressurreição dos mortos
e vida do mundo que há de vir. **Amém!***